

A função social da poesia e o Ensino de Literatura

Keissy Carvelli²

Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho (Unesp)

Resumo

O presente artigo apresenta breves reflexões a respeito da função social da poesia relacionada ao Ensino de Literatura no contexto do Ensino Superior. Para uma organização metodológica, o artigo foi dividido em três momentos. No primeiro deles, foram extraídas chaves de raciocínio axiais tanto para a identificação de um problema fundamental quanto para a sugestão de soluções e sínteses possíveis. No segundo momento, as chaves de raciocínio se desdobram em dois conceitos, a função social da leitura & escritura e a função social da poesia, tendo como eixo norteador as investigações teóricas de Carlos Felipe Moisés (2020); Affonso Romano de Sant'Anna (1962; 1977); Antonio Candido (1995); João Cabral de Melo Neto (1994); René Wellek e Austin Warren (1955), entre outros. No terceiro momento, são indicados alguns caminhos possíveis para o Ensino de Literatura seguindo os preceitos apresentados. Com isso, concluiu-se ser pertinente a promoção de um método focado na perspectiva da função hermenêutica do professor que, para o método proposto, deve assumir a postura de um “leitor mais experiente” amalgamada a de um intelectual cuja função é a de mediar crítica e criativamente a relação entre o texto literário e o leitor.

Palavras-chave

Ensino de Literatura. Literatura Brasileira. Leitura poética.

² Doutoranda em Letras pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho (Unesp/Assis); Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (2013-2015); graduada em Jornalismo (2008-2011) pela Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR.

Introdução

A afirmação, no título, da existência de uma função social da leitura e escritura desdobra-se em algumas questões pertinentes não para minimizar a amplitude do assunto, mas para focalizar alguns eixos desse amplo mecanismo a fim de tornar mais agudas a análise e a reflexão de todo o sistema que abrange o título. A primeira questão que parece fundamental é: sobre qual leitura se fala? Como se trata de uma reflexão ligada à grande área do “Ensino da Literatura”, a resposta à tal questão não poderia ser outra que não a de que se trata de uma “leitura literária”.

Desta questão, portanto, desdobra-se uma outra com a finalidade de reduzir ainda mais o campo de visão, como no método microscópico em que pequenas células são observadas para que se chegue à compreensão do todo. Se falamos de “leitura literária”, perguntamos também: qual leitura literária? Assim, numa aproximação com o objeto de pesquisa de doutorado em andamento, selecionamos, então, a “leitura de poesia” como campo de reflexão.

Resta, ainda, mais uma questão: onde e para quem a “leitura de poesia”? O público aqui definido, para que seja possível a sugestão de um método, é aquele recém-ingresso no curso de licenciatura em Letras e inserido nas disciplinas ligadas à grande área da Literatura Brasileira.

Respondidas as três questões, então, temos que o eixo dorsal do presente artigo tem como objetivo investigar o ensino de poesia como conteúdo componente do Ensino de Literatura no Ensino Superior, portanto, em cursos formadores tanto de professores da Educação Básica, quanto de pesquisadores e professores do Ensino Superior.

Alguns conceitos fundamentais

A partir das questões norteadoras sugeridas como chaves de raciocínio, levanta-se ainda outras duas questões: por que ler poesia e por que ensinar poesia? Isso nos leva diretamente a um questionamento gerador de um conceito: qual a função social da poesia?

Através da história da Estética, de modo geral, a função da poesia pode ser descrita como uma dialética cuja tese e antítese, via Horácio, é a da poesia como doce e útil (Wellek; Warren, 1955, p. 36). “Doce e útil”, nesse sentido, são objetivos que, como alertam os autores, não podem ser pensados separadamente. Neste caso da função da poesia, a concepção é a de que o prazer, o “doce”, e a instrução, o “útil”, são funções simultâneas de modo que “Quando

uma obra literária exerce com êxito a sua função, os dois factores referidos – prazer e utilidade – devem não só coexistir, mas fundir-se” (Wellek; Warren, 1955, p. 37).

Affonso Romano de Sant’Anna (1962) percorre também um caminho histórico para demonstrar de que modo a função da poesia se altera significativamente na sociedade moderna burguesa. Melhor: Sant’Anna indica que, nesta sociedade em que “a função faz o órgão”, ou seja, onde tudo parece necessitar de um carácter utilitário, a poesia apresenta-se como um objeto ausente de função específica.

João Cabral de Melo Neto, em “Da função moderna da poesia”, estabelece o movimento de uma poesia cuja atividade já foi “transitiva” e assume, na sociedade moderna, seu carácter “intransitivo”. Para Affonso Romano de Sant’Anna, apoiado nos estudos de Marx, a história das relações funcionais da poesia com a sociedade é dividida em duas etapas: antes e depois do capitalismo e da Revolução Industrial, “ou então, segundo a classificação de Sartre, antes e depois da criação de um novo público além do *real*, o *virtual*” (Sant’Anna, 1962, p. 16).

O que a história nos conta, de modo resumido, é que a poesia tem em seu percurso um carácter de prestígio, de modo que a figura do “poeta” era sempre requisitada e bem-vista pela sociedade na Antiguidade. No Renascimento, no Barroco e na Arcádia, nos lembra Sant’Anna, o poeta achou sua *função* porque ali existia uma utilidade da poesia. Historicamente, portanto, ora poesia serve para ensinar, para instruir e para educar, ora serve para reforçar ocasiões solenes, ora como meio para escrever e inscrever a história de um povo ou de uma nação (Sant’Anna, 1962). Um exemplo direto é o dos poemas épicos e de outros tantos, a partir do Renascimento, cuja função foi a de servirem como “monumentos nacionais” de afirmação de uma época e de uma nacionalidade. Na poesia brasileira, a observação desse dado é bastante nítida. Basta observarmos com certa cautela a função que os poetas árcades desempenharam em seu século, por exemplo, ou ainda a função da poesia romântica como fonte de afirmação de uma nação e uma nacionalidade, cuja figura do poeta no século romântico foi “essencial nos principais movimentos políticos e sociais” (Sant’Anna, 1962, p. 23).

É na transição do século XIX para o século XX que a poesia parece perder sua função central, sobretudo com a industrialização e com a ascensão da imprensa como uma porta-voz da sociedade. A instrução e utilidade, portanto, transforma-se na sociedade burguesa e a poesia perde sua função social “como elemento dinâmico de direção, gravador de história e orientador de povos” (Sant’Anna, 1962, p. 25). No século XX, a figura do poeta não é só desmistificada como também substituída. O público não admira mais o poeta, mas os cantores de rádio e os artistas de TV, indicando não só o declínio da função social do poeta na sociedade, como a ausência de função da poesia nesta mesma sociedade.

Se durante todo o século XX a poesia parece figurar como um elemento sem função definida na sociedade moderna e, por isso, exige um contínuo pensar sobre si mesma, é possível constatar um movimento fundamental operado no interior das discussões teóricas: o de uma função extremamente utilitarista da poesia – portanto de uma atividade transitiva – passando à constatação de sua atividade intransitiva, isto é, de uma função “inútil”. É neste sentido que a “inutilidade” parece figurar, sobretudo, como uma função social indispensável da poesia. Assim, em relação à sociedade burguesa, fica decretada a “inutilidade da poesia”, mas que “inutilidade” é essa?

A “inutilidade”, nesta concepção, não significa ser a poesia – e a leitura de poesia – uma função dispensável. Pelo contrário, significa a afirmação de um caráter indispensável na medida em que se posta na contramão da reificação do mundo burguês e industrializado. Para Sant’Anna (1962), não cabe mais, portanto, pensar numa “função específica da poesia”, porque a poesia não “tem uma função”, ela é, em si, uma função humana. É “in-útil”, para usar um termo do poeta Paulo Leminski (2012), justamente porque não se encaixa mais como um objeto “utilitarista” da sociedade, o que pode ser visto tanto como uma crise da função social da poesia quanto como uma crise da própria sociedade que expulsa (desde Platão) o poeta de sua República.

A síntese possível para esse movimento dialético de apogeu e crise da poesia como elemento fundamental da sociedade remonta à conclusão de que “poesia tem muitas funções possíveis. A sua função primordial e principal é a fidelidade à sua própria natureza” (Wellek; Warren, 1955, p. 46). Isso quer dizer que, ao constatar a ausência de uma função específica na sociedade burguesa, a poesia pode assumir uma espécie de função geral e fundamentalmente ligada à sua natureza: a função da in-utilidade indispensável.

Diante disso, a problemática envolvendo categorias, como *ensino*, *literatura*, *leitura* e *poesia* envolve também a figura do professor como aquele responsável por encarar o impasse e refletir sobre ele, o que abrange o problema de se repensar um possível método de ensino de leitura de poesia numa sociedade onde não só a poesia não tem mais uma função útil como também a leitura deixa de ocupar um lugar sólido. O próximo tópico busca investigar tal questão, apresentando algumas reflexões e alguns caminhos possíveis para tal impasse.

A possibilidade de um método: o professor como um “leitor mais experiente”

Explanada a problematização a respeito da função social da poesia e entendendo não haver uma função utilitária para ela na sociedade burguesa, resta-nos levantar duas questões:

Para que o ensino de poesia na sala de aula? Isto é, qual a função social da leitura de poesia? E qual é o método possível para inserir este gênero tido como entre os mais difíceis no contexto formativo de futuros professores de letras? A propósito: o que pode ensinar a poesia?

Para Carlos Felipe Moisés (2019, p. 17), a poesia “ensina a ver como se víssemos pela primeira vez”. Quando se fala em “ensinar”, pelo menos na contemporaneidade, há uma série de princípios pedagógicos que parecem nos levar a pensar em coisas, como a reprodução de um padrão de conhecimento. Não é sobre esse ensino de que fala Moisés. Para ele, a poesia ensina a ver “nada específico”, ou seja, “A poesia, a bem dizer, não ensina a ver nada; ou então, o que daria no mesmo, ensina a ver tudo. O que a poesia ensina é *um modo de ver*. A coisa vista, ou por ver, ficará a cargo de quem lê” (Moisés, 2019, p. 18).

E o que isso pode significar? Por um lado, significa que o ensinar da poesia não indica a transmissão do conhecimento ou a transmissão, no caso da literatura, de uma leitura final e acabada. Mas, sobretudo, esse “ensinar” liga-se à concepção do desenvolvimento de habilidade e de competências que, no caso da leitura, estão ligadas à apreciação estética da linguagem poética. Quando Moisés fala que “a poesia ensina a ver como se víssemos pela primeira vez”, portanto, não se trata do ato concreto de ver algo jamais visto. Pelo contrário, “O excêntrico modo de ver, ensinado pela poesia, incita-nos a encarar o objeto (ou coisa ou ideia) sobejamente visto, como se nunca o tivéssemos visto antes” (Moisés, 2019, p. 23).

Assim,

Ver como se víssemos pela primeira vez só faz sentido para além ou aquém das práticas pedagógicas de rotina [...]. O modo de ver ensinado pela poesia pede a negação, ao menos provisória, do conhecimento enquanto resultado, a fim de privilegiar o próprio ato de conhecer, entendido como disponibilidade [...] (Moisés, 2019, p. 23).

Para que seja possível uma análise mais específica, podemos pensar que a poesia pode se configurar como um meio de ver, de experimentar, de tocar, de ouvir, de ler e de construir a própria língua-linguagem e suas formas estéticas. E é neste sentido que o texto poético assume sua função de “inutilidade indispensável”, ou seja, na medida em que se apresenta como uma experiência estética ao mesmo tempo em que se apresenta como um meio de encarar o conhecimento não como resultado, como um fim, mas como o indispensável gesto voltado ao próprio ato de conhecer, de entrar em contato com o desconhecido, com o fácil e o difícil das expressões, da língua, dos raciocínios. Vale sempre retomar a máxima de que é pela linguagem que o homem constitui a si e ao mundo. Neste sentido, a literatura, em sala de aula, não deve e não pode negar a dimensão possível de sua oralidade, de sua leitura e escritura (Pennac, 1995).

Dessa maneira, respondida, então, a questão do porquê ensinar poesia, resta-nos, por fim, a apresentação de uma possibilidade de método de ensino de poesia em sala de aula.

Historicamente, como afirma Benedito Antunes (2015), o Ensino de Literatura (e a poesia está inserida nela) esteve e ainda parece estar centrado em dois métodos principais. Um deles é aquele cujo professor centra a fruição do texto no autor através da transposição de informações dessa natureza. Outro método é o centrado no texto, sendo o ensino voltado ao mapeamento das condições históricas e de produção de dada obra. Ora, ambos os métodos indicam uma só perspectiva: a de que o Ensino da Literatura, uma das últimas heranças humanistas nos currículos escolares, tem sido frequentemente usado como uma ferramenta utilitarista. Isto é, a Literatura é usada como meio para o ensino de História, de Sociologia, Antropologia, também para a inserção de debates contemporâneos tendo em vista os assuntos frequentes nas redações de vestibulares. Segundo Todorov (2009), a adoção mecânica das análises literárias de natureza histórica ou estética, portanto, minimiza, senão exclui, a função primeira da obra diante do leitor: a de torná-lo um conhecedor do ser humano, não meramente a de torná-lo um especialista em análise literária. Desse modo, essa guinada mecânica implica numa espécie de reificação da própria figura do leitor, procedimento que conduz à dissolução também da função fundamental da literatura.

O resultado é a supressão do contato lúdico entre o leitor, o mundo, o homem e a obra, o que minimiza a própria potencialidade da literatura que, com isso, passa a se aproximar muito mais de uma disciplina de Física, por exemplo, cuja finalidade está concentrada no aprendizado da evolução da ciência e de seus procedimentos, e passa a se distanciar do campo da História, cujo objetivo não é o de destrinchar os procedimentos historiográficos, mas a de refletir o próprio objeto (Todorov, 2009).

Nesse contexto de função extremamente utilitarista da Literatura, a poesia assume uma “inutilidade específica”, muito diferente daquela inutilidade indispensável cuja função é a de ser uma recusa à reificação do mundo e da própria obra de arte enquanto mercadoria. A poesia, no Ensino de Literatura, apresenta-se como dispensável, uma vez que sua recorrência nos vestibulares é bem menor do que a de romances, por exemplo, e sua matéria fundamental raras vezes contribui para o ensino dos conteúdos adjacentes.

Para que ler Mallarmé se ele não nos diz absolutamente nada sobre a história ou sobre sociologia? Sobre isso fala Leyla Perrone-Moisés (2000) ao constatar que, numa sala de aula de futuros professores de Letras, a “inutilidade” de uma poesia aparentemente confusa de um Mallarmé e sem uma mensagem objetiva aparente causa não só risos como recusa de constatar ali uma função específica e fundamenta: a da inutilidade. Os próprios alunos parecem, segundo

Perrone, buscar uma “utilidade” na poesia que leem. Para que ler João Cabral de Melo Neto se sua produção poética, em grande medida, não investiga outra coisa senão a própria natureza da poesia?

Assim, se a Literatura é entendida nas escolas como uma matéria complementar e extremamente utilitarista, a segue o mesmo princípio de servir como meio para informações de correntes estéticas ou de contextos históricos (em menor medida) e tem ainda lugar mais pálido se comparada a gêneros, como o romance, o conto e, até mesmo, a crônica. A consequência disso, como nos lembra Benedito Antunes (2015), é o esfacelamento da importância da linguagem literária, que atinge todos os níveis de leitura e gêneros.

Na contracorrente desse utilitarismo do Ensino da Literatura, parece fundamental recuperar também a função social da poesia na sociedade moderna como um modelo a ser aplicado ao Ensino. Isto é, se a poesia é essa “inutilidade indispensável” (Leminski, 2012) por se configurar como um gesto contra a reificação do mundo, por que não assumir também esse gesto como uma recusa ao utilitarismo do Ensino de Literatura?

Isto colocado, a perspectiva é a de que não resta saída à Literatura e aos professores de Literatura que não a adoção de um método centrado não mais no autor, tampouco no texto e na utilidade das informações históricas e sociais, mas, sobretudo, centrado no leitor e no contato direto deste leitor com a obra literária em si. O que parece pungente, neste momento, é questionar: mas como operacionalizar esse método?

A solução que parece possível é de um professor cuja postura seja tanto crítica quanto criativa assumindo para si não a figura de um transmissor de uma leitura final da obra literária. Pelo contrário, o professor deve assumir para si a postura de um “leitor mais experiente” e, por isso, capaz de mediar o esquema de comunicação entre a obra e o receptor. Para Antunes (2015), esse gesto possibilita a criação de uma “comunidade hermenêutica” em sala de aula, cujo objetivo volta-se para a apreciação estética da obra em si e dos elementos que a regem, seja sua forma, seja sua linguagem. O importante, neste caso, é a construção de sentidos pelos leitores, considerando que cada leitor tem suas particularidades e suas leituras e que elas devem ser mediadas pelas possibilidades dadas pelo próprio texto literário.

Diante disso, surge, ainda, uma última questão: como pode o professor assumir tal postura de um “leitor mais experiente”? Ora, a única via que parece possível é a de um professor capaz de compreender que a leitura e o espírito crítico são as ferramentas essenciais de trabalho (Antunes, 2015). Isto quer dizer que cabe ao professor uma imersão completa nos próprios objetos literários a fim de tornar-se definitivamente (e verdadeiramente) um leitor mais

experiente, arguto e capaz de guiar, como um mestre e intelectual, seus alunos pelo caminho tortuoso e prazeroso da linguagem literária.

Quando se trata do texto poético, como é o caso aqui pensado, algumas ações iniciais parecem ser indispensáveis – e podem ser estendidas também para outros gêneros literários. A primeira ação volta-se para leituras frequentes em voz alta, gesto entendido por Pennac (2004) como um meio profícuo para a desmistificação tanto da língua quanto do texto literário. A segunda ação é a da leitura não direcionada, mas guiada por algumas chaves dadas pelo professor. A terceira ação é a da escritura como uma prática também fundamental da leitura. Para Affonso Romano de Sant’Anna, em *Por um novo conceito de Literatura Brasileira* (1977), a escrita criativa é indissociável de todo Ensino de Literatura que se pretende, principalmente porque insere o leitor no jogo literário de criação, fruição e crítica.

Aqui, pensamos ser este um método possível de ser aplicado para todo o Ensino de Literatura, embora seja preciso lembrar que cada público a ser ensinado exige uma adequação própria tanto do repertório quanto dos meios a serem utilizados. Ainda assim, parece viável a constituição dessa “comunidade hermenêutica” para o Ensino de Literatura, sobretudo para o Ensino de Poesia, um gênero tido como difícil pelos alunos justamente porque não se adequa à linguagem corrente das sociedades postas, mas antes cria pela e na linguagem uma natureza e um modo de organização próprio.

Conclusões

Apresentadas essas reflexões, algumas conclusões são possíveis. A primeira delas é a de que a função social da poesia tem se transformado ao longo do tempo de uma extrema utilidade para uma espécie de “inutilidade” quando tanto a industrialização quanto a ascensão de outros bens culturais, como o rádio, a TV e a Internet, parecem atestar a dispensável tarefa exercida durante muito tempo pela poesia – seja na transmissão de conhecimentos seja na afirmação de uma nacionalidade. Com isso, altera-se não só a utilidade propriamente dita deste gênero específico, mas, sobretudo, a função social da Literatura no âmbito de seu Ensino.

Se historicamente os métodos de Ensino de Literatura estiveram focados ora no autor, ora nas informações complementares à obra em questão, parece fundamental retomar as discussões sobre os métodos possíveis diante de um contexto educacional tão problemático quanto desafiador, sobretudo, quando se constata que, neste crescente desprestígio do Ensino da Literatura, a poesia tem sido o gênero que enfrenta ainda mais problemas já que, em suma,

não contribui “utilitariamente” para a difusão ampla de conhecimentos fora de seu próprio campo.

Constatada essa espécie de crise geral – seja da função social da poesia, seja da função social do próprio ensino em seu caráter humanista –, parece profícua a difusão de reflexões sobre a possibilidade de adoção de um método hermenêutico de Ensino da Literatura. Neste sentido, a compreensão de Antonio Candido a respeito de ser o texto literário “uma espécie de fórmula” cujos significados são “complexos e oscilantes” (Candido, 1995, p. 5) é fundamental para o método que se pretende, sobretudo quando afirma a necessidade de o professor assumir o trabalho árduo de “Ler infatigavelmente o texto analisado”, o que Candido chama de “a regra de ouro do analista”. Isto porque “A multiplicação das leituras suscita intuições, que são o combustível nesse ofício” (Candido, 1995, p. 6).

Portanto, quando o ofício é o de ser um professor que assume a postura de um “leitor mais experiente”, mostra-se fundamental levar esta acepção com seriedade no tocante à leitura não só das obras, mas também da matéria teórica sobre a própria Literatura.

Referências

ANTUNES, Benedito. O Ensino de Literatura hoje. **Fronteira Z, Revista digital do programa de Estudos pós-graduados em Literatura e Crítica Literária**, São Paulo, n.14, p. 3-17, jul., 2015.

CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula: caderno de análise literária**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

LEMINSKI, Paulo. Inutensílio. In: LEMINSKI, Paulo. **Ensaio e anseios crípticos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012. p. 85-87.

LEMINSKI, Paulo. Variações para silêncio e iluminação. In: LEMINSKI, Paulo. **Ensaio e anseios crípticos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012. p. 19-25.

MELO NETO, João Cabral. Da função moderna da poesia. In: MELO NETO, João Cabral. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994. p. 767-770.

MOISÉS, Caio Felipe. **Poesia para quê? A função social da poesia e do poeta**. São Paulo: Unesp, 2019.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Inútil poesia e outros ensaios breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. **O desemprego do poeta**. Belo Horizonte: Estante Universitária, 1962.

SANT'ANNA, Affonso Romano. **Por um novo conceito de literatura brasileira.** Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1977.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Tradução e introdução Caio Meira. Rio de Janeiro: DEIFEL, 2009.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura.** Lisboa: Publicações Europa-América, 1955.

THE SOCIAL FUNCTION OF POETRY AND LITERATURE TEACHING

Abstract

This paper presents brief reflection about social function of poetry relating to Literatura teaching in college education context. This paper comprises three sections. In first section, are discussed some axial thoughts keys to identify a basic problem and to suggest possible solutions. In second section, the axial thoughts unfold in two concepts, the social function of reading & writing and the poetry social function, are guided by researches of Carlos Felipe Moisés (2020); Affonso Romano de Sant'Anna (1962; 1977); Antonio Candido (1995); João Cabral de Melo Neto (1994); René Wellek e Austin Warren (1955), among otherss. In third section, are suggested some possible ways to Literature teaching following the listed precepts. Therefore, it was concluded that is relevant to promove a method focused on perspective of professor hermeneutic function who, to the proposed method, should to adopt the position of a “most experienced professor” which must assume an intellectual position whose function is mediate critically and creatively the connection between the literary text and reader.

Keywords

Literature teaching. Brazilian Literature. Poetry reading.